

**LAZER PARA QUE TE QUERO VER: DESARMANDO VIOLÊNCIAS,
CULTIVANDO VIDAS E TRANSFORMANDO O SOCIAL**

Recebido em: 18/02/2009

Aceito em: 01/07/2009

*George Antonio do Nascimento Souza¹
Patrícia Araújo²*

Universidade do Estado do Pará (UEPA)
Belém – PA – BRASIL

RESUMO: Este estudo consiste em verificar a contribuição social do lazer para adolescentes envolvidos em casos de violência, no bairro do Curuçambá, município de Ananideua, estado do Pará. Partiu-se da implementação de um programa de lazer, no período de três meses, envolvendo-os em diferentes atividades. O lazer surge neste estudo como um meio para o acesso à socialização do indivíduo; um direito que independe de classes sociais, aspectos e condições físicas, mentais e sensoriais apropriadas. Houve resultados positivos com significativa mudança na relação que os adolescentes estabeleciam com a violência, possibilitando, assim, uma nova perspectiva de vida e desenvolvendo uma visão mais cooperativa e solidária de mundo. O trabalho é resultado de um estudo de caso (GIL, 2002), com a utilização da metodologia da pesquisa-ação (THIOLLENT, 1985), que abrangeu as seguintes dimensões: planejamento, ação, observação e reflexão, com a utilização de entrevistas semi-estruturadas (LAKATOS, 1999).

PALAVRAS CHAVE: Lazer. Violência. Adolescente. Mudança social. Condições sociais.

**LEISURE I WANT SO THAT YOU TO SEE: DISARMING VIOLENCE,
CULTIVATING LIVES AND TRANSFORMING THE SOCIAL ONE**

ABSTRACT: This study consist in verify the social contribution of leisure to adolescents involved with violence in the Curuçambá's quarter, in Ananideua's district, Pará's state. Started with an implementation of a leisure's program, during three

¹ Licenciado em Educação Física pela Universidade do Estado do Pará (1995). Professor da Secretaria Executiva de Educação do Estado do Pará. Especialista em Educação Física Escolar (UEPA, 2003) e em Lazer (UEPA, 2008).

² Mestre em Ciência da Motricidade Humana pela UEPA. Professora do Curso de Educação Física e Pedagogia da Universidade do Estado do Pará. Coordenadora do II Curso de Especialização em Lazer. Membro do Núcleo de Estudo e Pesquisa Amazônicos em Esporte e Lazer-NEPAEL.

months, involving the adolescents in different activities. The leisure arise means to the access to individual's socialization; a law which no depend of social classes, mental, sensorial and physical's appropriates conditions and aspects. Had positives results, with real alterations on the relation among the adolescents and the violence, so allowing, a new life perspective and developing a cooperative and solidary's vision of the world. The work is a result of case's study (GIL, 2001), using the methodology of research-action (THIOLENT, 1995), which one included this dimensions: planning, action, observation and reflection, using interviews semi-structured. (LAKATOS, 1999).

KEYWORDS: Leisure. Violence. Adolescent. Social change. Social conditions.

I - Lá no nada, onde tudo sempre esteve, anjos brincam nos campos do senhor³

*É chegada a hora meu senhor...
 Dê licença que quero passar!
 À hora é agora e não posso esperar.
 Quero comida, diversão e poesia,
 Quero o colorido da minha alegria,
 A esperança em um novo dia
 E o meu direito de
 sonhar...
 Me dê licença...que vou
 passar!⁴*

Vive-se em uma sociedade permeada por uma inegável violência estrutural⁵ (SILVA, 2002), manifestada por um quadro de injustiças sociais, de disparidades econômicas, de exclusão, de ausência de políticas públicas para o lazer e de falta de oportunidades, que afetam a maioria da população brasileira.

Esta mesma sociedade, que produz desigualdades sociais, cria e recria no espaço urbano padrões estereotipados de comportamentos, segregando todos aqueles que não se enquadram no modelo social da estética e da padronização de comportamentos, que

³ Trecho da poesia "Anjos Caídos do céu" de Osmar Pancera (Rádio Margarida).

⁴ Parte do poema "Um novo dia". Autor George Souza-2008.

⁵ É aquela que nasce no próprio sistema social, criando as desigualdades e suas consequências, como a fome, o desemprego e todos os problemas sociais com que convive a classe trabalhadora. Estão aí incluídas as discriminações de raça, sexo e idade. Cuidadosamente velada, a violência estrutural não costuma ser nomeada, mas é vista antes como algo natural, a-histórica, como a própria ordem das coisas e disposições das pessoas na sociedade (SILVA, 2002).

nada mais são do que frutos do feroz do sistema capitalista que enquadra e rotula todo aquele que foge aos padrões estabelecidos.

A violência, a desordem e o caos tornam-se imagens atreladas às periferias do nosso Brasil. E, em grande parte das vezes, estas acabam sendo encaradas como a “personificação do mal”, implícita ou explicitamente vistas como o lugar do surgimento dos principais problemas que afligem as cidades.

Existem muitos exageros quando se faz referência às regiões periféricas de nosso país. Mas não se pode negar que há um substancial aumento da violência e das desigualdades sociais nestas regiões pelo fato de estarem longe de um processo ordenado de urbanização, principalmente a falta de acesso aos direitos sociais básicos (água, luz, esgoto, saúde, lazer, escola, segurança pública, entre outros). Estes fatores, atrelados principalmente à falta de uma política social de direitos, levam a população a viver em situação de risco e sem nenhuma qualidade de vida.

Dessa forma, este estudo surge e se constrói a partir de minhas observações cotidianas, como professor da Secretaria Executiva de Educação do Estado do Pará, no bairro do Curuçambá, localizado no município de Ananindeua-PA, lugar de grandes desigualdades sociais que foi sendo construído de forma desordenada, longe dos olhos atentos e cuidadosos do poder público.

O Curuçambá é um bairro periférico com uma população que vive basicamente de trabalhos informais. Os habitantes se ocupam principalmente com a venda de produtos piratas, de *horti frutis* e da pesca em um rio que, ao longo das décadas, foi deixando de ser um meio de sobrevivência, quer pela poluição, quer pela falta de interesse nesta atividade pelas novas gerações que foram surgindo.

É um lugar cercado de desigualdades sociais que veio sendo construído por homens e mulheres ao longo do tempo. Possui grandes áreas verdes com igarapés e campos abertos, equipamentos naturais considerados de extrema importância para a prática do lazer, entretanto, verifica-se a ausência completa de investimentos em infraestrutura por parte do poder público, no que se refere à criação de equipamentos de lazer mais elaborados⁶ próximos ao bairro e no próprio bairro, evitando o deslocamento das pessoas para outras localidades centrais da cidade e longe de suas casas.

Segundo Matos (2001, p.05.), quando se constata a existência de políticas públicas de lazer, quase sempre estas se concentram nas áreas centrais da cidade, deixando a população das regiões periféricas sem acesso às possibilidades de vivência do lazer. Muitas vezes, como já existem equipamentos nos grandes centros, há o adiamento da criação de espaços e equipamentos nessas regiões, com a justificativa de que oneram a máquina pública.

No Curuçambá não se percebe nenhuma intervenção do poder público com a perspectiva de desenvolvimento pessoal e social por meio do lazer. Então, a partir dessa constatação fez-se o seguinte questionamento: a) como os adolescentes compreendem o lazer em seu significado e importância? b) quais são os interesses e necessidades da comunidade? c) quais as barreiras enfrentadas para a não apropriação de determinados conteúdos socioculturais?

Estas foram as questões consideradas fundamentais a serem diagnosticadas para subsidiar a análise, a intervenção e a discussão da temática apresentada sobre comportamentos dos adolescentes do bairro do Curuçambá, carentes de oportunidades de lazer.

⁶ Considero como equipamentos de lazer mais elaborados: praças, quadras poliesportivas, pistas de skate.

Inseridos nesse universo estão adolescentes, apresentando em seus cotidianos um quadro grave de ociosidade, drogas e violência, fruto da falta de oportunidades e da ausência do olhar atento das autoridades no que diz respeito a uma política pública de direitos que supra as necessidades mais básicas como saúde, educação, saneamento básico e o lazer.

O objetivo deste estudo é verificar, analisar e compreender o grau de comprometimento de sete adolescentes com idade entre quatorze e dezessete anos, envolvidos com violência e proporcionar, por meio do lazer, a possibilidade de retomarem a capacidade de interagir de forma positiva com o que está a sua volta, redimensionando suas práticas corporais, para que se percebam, enquanto cidadãos produtores de conhecimento, seres reflexivos e críticos, na construção de uma corporeidade parceira e não adversária com o meio social em que estão inseridos, pois para Soares (2001):

Os corpos são educados por toda uma realidade que os circunda, por todas as coisas com as quais convivem, pelas relações que se estabelecem em espaços definidos e delimitados por atos do conhecimento. Uma educação que mostra polissêmica, que se processa de modo singular: dar-se-á não só por palavras, mas por gestos, coisas pelo lugar aonde vivem (p..111).

II - O lazer nos campos do senhor: a reinvenção da vida

Considera-se, neste estudo, o lazer como uma das possibilidades de ação educativa e não uma panacéia como um antídoto contra a violência, mas um projeto de reivindicação social (MARCELLINO, 1989) que gere valores responsáveis pela construção de práticas corporais e que promova a participação coletiva dos adolescentes através de atividades prazerosas, tendo na alegria e na festa elementos fomentadores de dinâmicas sociais, que resultem na emancipação e autonomia humana.

Defende-se um lazer estabelecido como prática social, capaz de incluir a todos e, por isso, como possibilidade de construção humana, sendo veículo e objeto da cidadania, de conquista e de emancipação humana. O desenvolvimento de um tempo de lazer pode proporcionar a vivência de componentes lúdicos cujos conteúdos são altamente educativos à medida que contribuem para a manifestação de valores críticos e questionadores da realidade social (MARCELLINO, 1989).

Entende-se que o lazer, como um direito social, precisa ser exercido pela população, pois esta ainda não usufrui completamente da legitimação que outros direitos têm no âmbito das administrações públicas, mesmo com garantias constitucionais e reconhecimento pela sociedade. Para Filho (2007), o lazer não é somente um projeto de governo, que está presente no aparato legal do Estado brasileiro, mas configura-se como direito garantido na constituição da Republica Federativa do Brasil de 1988⁷ (BRASIL, 1988).

O direito ao lazer existe, o que não existe é a sua sistematização em forma de programas e políticas sociais que possam desenvolver atividades responsáveis e que estejam comprometidas com a transformação social, que possam romper com as algemas que prendem estes adolescentes à violência, à ociosidade e que impossibilitam o direito de sonhar.

Nesse cenário, construiu-se, coletivamente, um programa de lazer com diversas atividades, sendo respeitadas as individualidades e limitações de cada um. Nesse programa, levou-se em consideração a afinidade dos adolescentes por algumas atividades, bem como, a utilização dos equipamentos naturais disponíveis no bairro para a realização de todas as atividades.

⁷ Os artigos 6º e 217º tratam respectivamente do direito ao lazer e ao esporte.

Assim, surgiu um leque de novas possibilidades de atividades que foram experimentadas, algumas vezes de forma prazerosa e outras nem tanto, quer pela resistência de algum adolescente, quer pela relação conflituosa que muitas vezes estes estabelecem entre si. Mas a partir desses fatos, foi possível fomentar um diálogo coletivo que ressaltasse a participação social de cada um, identificando as suas reais necessidades, seus anseios, seus medos e que pudesse estimular o desejo de cooperação, de solidariedade, na construção de uma nova forma de estar no mundo, não tendo como elo de ligação a violência, as drogas e a falta de perspectiva.

III - Revendo o lazer, a adolescência e a violência

Discutir lazer, adolescência e violência e estabelecer entre estes elementos uma relação estreita, não é uma tarefa muito fácil, pois requer, sobretudo, uma conceituação que revele um olhar esclarecedor sobre esses fenômenos, buscando nortear esta pesquisa no sentido maior da transformação social, que é a mudança no modo de pensar, de sentir e de agir de cada um.

Portanto, rever significa ver de novo, trazendo à tona conceitos e concepções teóricas que possam dar conta da dimensão do que seja o lazer, a adolescência e a violência, em um enlace teórico que substancie estes como fenômenos sociais e enriqueça o caminho para a consolidação deste estudo.

Nesse sentido, lança-se um olhar sobre as teorias que entendem o lazer como uma construção histórica, na percepção clara de que poucos fenômenos sociais têm a mesma inserção em nossas vidas e que como prática social pode, em sua vivência, questionar os valores dominantes do modelo atual de sociedade, que exclui e segrega os

menos favorecidos, vislumbrando, assim, novas ações educativas para a construção de um novo modelo de sociedade.

Marcellino (1996) entende que o lazer, como prática social, é historicamente gerado e concebido como dimensão humana, cujas características são: a alegria, a diversão, o respeito ao outro, a solidariedade, o prazer e a busca por uma qualidade de vida melhor e que pode em sua vivência ser traduzido em ações, podendo e devendo questionar os valores do modelo de sociedade dominante.

Envolvidos diretamente nesta trama social estão os adolescentes que se encontram na busca da afirmação de suas identidades, frutos de uma sociedade capitalista que imprime seus valores vorazes e excludentes, convivendo diariamente com a falta de oportunidades e de políticas sociais que mudem o quadro de violência e de conflitos em que estão inseridos.

Conceituando a adolescência, Eisenstein (2005) diz que é o período de transição entre a infância e a vida adulta, e é caracterizado pelos impulsos do desenvolvimento corporal, mental, emocional, sexual e social, sendo uma fase de grandes transformações e, por muitas vezes, conflituosa, onde as emoções juvenis se encontram em um verdadeiro burburinho, onde sonhos, fantasias, frustrações e os medos estão em permanente confronto.

A violência surge, atingindo diretamente estes adolescentes, quer na condição de vítimas ou agressor, mas sempre como consequência de alguma forma de exclusão. Quando vitimados, ocorre a exclusão da própria vida ou do estado de completo bem estar físico, mental e social. Quando agressor, o adolescente é excluído da possibilidade de viver o exercício da cidadania, por meio da qual pode se reconhecer e ser reconhecido como sujeito de direitos e deveres.

Para Minayo (1999, p.08), a violência surge como um fenômeno social que tem atingido diretamente a juventude brasileira, de modo que o principal grupo de risco de executores de delitos são os adolescentes e os adultos jovens, do sexo masculino, residentes em áreas pobres e às vezes periféricas das grandes metrópoles, de cor negra ou descendentes dessa etnia, com baixa escolaridade e pouca ou nenhuma qualificação profissional.

Nunca é demais lembrar que, atualmente, é praticamente unânime a idéia de que a violência não faz parte da natureza humana e que não tem raízes biológicas (MINAYO, 1994, p.16). A violência é um fenômeno histórico-social, construída em sociedade, portanto, pode ser desconstruída. (MINAYO, 1999, p.10).

Ainda nesta perspectiva, que tem a violência como uma construção histórico-social, utiliza-se a conceituação de Dutra (2002) que diz que a violência é:

A expressão que designa o fenômeno social de comportamento deliberadamente transgressor e agressivo ocorrido em função do convívio urbano. A violência urbana tem algumas qualidades que a diferencia de outros tipos de violência; e se desencadeia em consequência das condições de vida e do convívio no espaço urbano. Sua manifestação mais evidente é o alto índice de criminalidade; e a mais constante é a infração dos códigos elementares de conduta civilizada (p.12).

Este estudo pretende defender que o lazer alcance o verdadeiro espaço de valorização social, desenvolvendo-se em um tempo que propicie a vivência de componentes lúdicos e educativos, que contribuam para a manifestação de valores críticos e questionadores da realidade social, constituindo-se como um elemento de amadurecimento social e político, podendo desconstruir a violência; cultivar vidas; resgatar a cidadania e fazer dos adolescestes protagonistas de suas próprias histórias.

IV - O Lazer e a Ação: refazendo trajetórias e conquistando vidas

O programa implementado com as atividades de lazer foi feito e refeito a muitas mãos, pois a construção se deu de forma participativa, em uma dimensão que alcançasse os anseios dos adolescentes e atingisse os objetivos propostos neste estudo que se baseia, sobretudo, na concepção de que o lazer não pode sozinho contribuir para a diminuição da violência, mas pode, em sua dinâmica, vislumbrar a construção de uma nova perspectiva de vida, que desarme a violência, cultive vidas e transforme o social.

O programa foi desenvolvido no período de três meses (outubro, novembro e dezembro de 2008), com uma aula semanal de uma hora cada, nas terças feiras, sendo que a execução e a duração das atividades variaram de acordo com a necessidade da pesquisa, no que se refere à coleta de dados.

As atividades que estruturaram o programa foram as seguintes:

- Reconhecimento juntamente com os adolescentes de todos os equipamentos naturais do bairro (ruas, campos, igarapés, praças);
- Trilhas ecológicas;
- Atividades aquáticas nos igarapés;
- Aplicação de jogos cooperativos;
- Aplicação de jogos socializadores e intelectuais;
- Atividades esportivas;
- Dinâmicas de grupo;
- Gincanas.

O grupo de sete adolescentes pesquisados, com idades que variavam de quatorze e dezessete anos, apresentavam suas relações sociais com pouca afetividade, isto se

traduz em grupo heterogêneo, que possui poucas afinidades individuais, mas que compartilham de uma herança comum: a violência.

Este grupo, segundo Stigger (2002), pode ser caracterizado como um grupo fechado e que, por este motivo, todas as atividades propostas devem ter um caráter que privilegie o coletivo, como proposta de serem facilitadoras das relações interpessoais.

As atividades que surgiram a partir de um contexto sociocultural no qual os adolescentes estão inseridos, possibilitaram uma dinâmica que levou em conta diversos aspectos da vida destes adolescentes, como os anseios, os sonhos, a realidade, a fome, a violência, as drogas, a situação socioeconômica da família, as relações afetivas vividas e construídas em seus cotidianos. Esses questionamentos foram imprescindíveis para a estruturação e desenvolvimento deste estudo.

Nesta perspectiva, foram buscadas atividades que privilegiassem o coletivo, em detrimento ao individual e que pudessem adentrar no universo dos adolescentes, revelando as peculiaridades de cada um. Procurou-se analisar suas falas, seus gestos, seus silêncios, seus papéis sociais, seus posicionamentos diante da vida, de como a violência está inserida em seus mundos e, sobretudo, como lidam com a falta de perspectiva de um futuro mais humano e cidadão.

No primeiro contato com os adolescentes, foi exposta toda a intenção de pesquisa: de como se desenvolveria o programa de lazer; de como seria imprescindível a participação deles em todas as atividades; de que eles estariam livres para opinar, falar o que quisessem; e, sobretudo, de sair da pesquisa no momento em que desejassem. Acreditou-se que o sentimento de liberdade que se criou em torno da pesquisa os deixou tranquilos em relação ao estudo.

Tudo começou quando foi pedido que falassem livremente um pouco sobre suas vidas. Depois de um tempo de resistências Pedro⁸ disse: “*Quando saio daqui vou lá para o Vasquinho⁹, fumo umzinho, fico por lá de bobeira, e pego quem ficar de bobeira também*”. Esta fala, de certa forma, que consegue contemplar todas as outras, pois apesar de suas individualidades, participam do mesmo contexto de segregação social e de violência.

Neste sentido, Segalin e Trzcinskj (2006) dizem que os elevados índices de pobreza, a conseqüente insatisfação das necessidades básicas do adolescente (alimentação, habitação, educação...) ou das ‘dispensáveis’, referindo-se àquelas incitadas pela sociedade de consumo (vestuário da moda, entretenimento...) e os problemas de relacionamento familiar incitam nos adolescentes a permanência na rua, facilitando a agregação em grupos de adolescentes com características de gangue e ou de consumidores de entorpecentes, verificando-se significativa aproximação entre o delito e o uso de drogas ou influência do grupo.

Durante as atividades iniciais ficou muito claro que os adolescentes pouco compreendiam sobre o significado da palavra lazer e muito menos o percebiam como um tempo de aprendizado prazeroso que pudesse construir algo significativo na vida deles. A representação do lazer para eles nada mais é do que não fazer absolutamente nada ou como algo inatingível, como ir ao cinema por exemplo. Esta representação ficou clara na afirmação que Rodrigo¹⁰ fez: “*Lazer pra mim é ficar sem fazer nada o dia inteiro na rua, batendo carteira e bolsa de trouxa. Acho que cinema também é lazer, mas nunca fui*”.

⁸ Nome fictício do adolescente de 17 anos pesquisado.

⁹ Campo aberto localizado na comunidade é de propriedade particular, porém a população usa comumente para a prática do futebol de campo.

¹⁰ Nome fictício do adolescente de 15 anos pesquisado.

O lazer como compreensão de um tempo de prazer, de festa, de alegria, quase que inexistente entre os adolescentes, pois a falta de esclarecimento sobre sua conceituação prática faz com que os adolescentes não o vejam como elemento fomentador da conquista da cidadania, bem como, isto pode ocorrer pelas próprias condições de vida, que impossibilitam um olhar sobre o lazer como espaço para descobertas e encontros.

Partindo desse contexto, construiu-se uma discussão sobre o lazer como elemento capaz de propiciar o desenvolvimento pessoal e social (MARCELLINO, 2001), possibilitando o encontro consigo próprio, com a realidade circundante e com seus próprios conflitos, indo em busca de soluções para problemas dos seus cotidianos, ou seja, um elemento que desperta a consciência crítica e possibilita a reflexão sobre a injusta realidade na qual vivem.

As discussões foram sendo tecidas a cada encontro, trazendo à tona questionamentos pertinentes sobre o papel de cada um, inclusive o meu enquanto pesquisador, pois de nada adiantaria esta pesquisa se eu também não vislumbrasse uma transformação pessoal.

Foi decidido por todos que a primeira atividade a ser realizada seria a trilha ecológica e que tal atividade não se esgotaria em apenas uma tarde, pois deveria ser realizada outras vezes para que fosse possível lançar diferentes olhares sobre a mesma. Também foi explicitada a importância dessa vivência para o desenvolvimento do espírito de equipe, da solidariedade e da relação do ser humano com o meio ambiente.

No dia agendado, todos chegaram ao local na hora marcada, com exceção de um adolescente de 14 anos. Então, foi feita a sugestão de que a partir daquele momento estariam todos juntos e não deveria haver o afastamento de ninguém do grupo. Ao adentrar na mata, o grupo percorreu todos os espaços que eram considerados seguros, e

após uma hora houve o retorno. Foi solicitado então que os adolescentes falassem das suas impressões sobre a atividade.

A atividade se repetiu por duas vezes em semanas diferentes e depois de certo tempo, as falas começaram a surgir e todos os diálogos travados foram importantes, entretanto, as falas de dois adolescentes chamaram a atenção:

“Engraçado... eu nunca tinha feito trilha, é a primeira vez que faço isso. Foi legal. (Diogo¹¹)

“Fiquei cansado.... não gostei da atividade... não vi nada demais (Francisco¹²)

As discussões realizadas após a atividade e sobre a mesma esclareceram que a fala de Diogo contemplou quatro dos sete adolescentes e a de Francisco três, concluindo-se que a rejeição ou a aceitação da atividade se relaciona à visão que cada um tem de mundo, contemplando a resistência ou alguma forma de aceitação não pelas atividades em si, mas por todo um contexto que estes estão inseridos.

Entende-se que os adolescentes pesquisados, assim como quaisquer outros, apresentam certa resistência a certo tipo de liderança e que a presença do pesquisador, mesmo sem pretender, impunha-a durante as atividades, mesmo que não se tenha tentado estabelecer nenhuma espécie de verticalização de autoridade. Esta resistência pode estar atrelada ao contexto social no qual vivem e na forma de se relacionarem com o mundo.

Neste sentido, Gallahue e Ozmun (2001) confirmam isto, quando dizem que certos comportamentos dos adolescentes são essencialmente exploratórios, carregam grandes riscos de aceitação e negação, pois a adolescência é uma época de grandes agitações físicas e emocionais, envolta por questões sociais, mágoas e problemas. Trata-

¹¹ Nome fictício do adolescente de 15 anos pesquisado.

¹² Nome fictício do adolescente de 16 anos pesquisado.

se de um período de questionamentos. Além disso, não se pode esperar que os adolescentes demonstrem obediência a qualquer tipo de autoridade, muito menos que venham a desenvolver, espontaneamente, formas positivas de convivência.

A negação aos comandos e de estabelecimento de limites foi uma constante durante as atividades, pois quase todos se sentiam tolhidos quando era feita alguma orientação para o andamento das atividades e das discussões. Acredita-se que este comportamento seja em decorrência de toda a carga social imposta a eles, pelas exigências diárias e pelos modelos estereotipados de conduta social que só os marginalizam e os segregam. Pensa-se nesta atitude como forma de revolta, um grito de socorro para estes serem notados e ouvidos pela sociedade.

Foram desenvolvidas as atividades dos jogos cooperativos que surgiram após a explanação para os adolescentes de que o jogo pode ser uma das manifestações do lazer, em uma dimensão lúdica com todo um significado e função social. Os adolescentes a partir desse entendimento realizaram vários jogos com características cooperativas, bem como, tiveram que construir, coletivamente, outros em que todos participassem, no qual estivessem envolvidos valores como cooperação e solidariedade.

Antes da realização dos jogos, foi discutido o sentido destes dois valores e o que eles poderiam representar em suas vidas e de como poderiam estar presentes em seus cotidianos.

Após a realização das tarefas solicitadas, bem como as que foram criadas por eles, foi solicitado que falassem sobre as sensações e as vivências na atividade, surgindo então as seguintes falas:

“Professor, o jogo que eu queria ninguém quis jogar, ninguém trabalhou em equipe não” (Vinicius¹³)

¹³ Nome fictício do adolescente de 17 anos pesquisado.

“Não quero nem saber, vou jogar o jogo que eu quiser jogar”

(Carlos¹⁴)

“Olha professor eu gostei desse jogo que o senhor fez pra gente, eu nunca tinha visto ele” (Bruno¹⁵)

“É, acho que foi bom, mas da próxima vez tem que ter menos discussão” (Vitor¹⁶)

Tanto na execução dos jogos que foram propostos, quanto nos que foram criados pelos adolescentes, surgiram diversos conflitos, pois trabalhar em coletividade é um grande problema para eles. Desenvolver o espírito de solidariedade e de cooperação ainda causa rejeição, pois em seus cotidianos estes sentimentos são muito pouco trabalhados.

Acredita-se que os jogos cooperativos, como uma das manifestações do lazer, podem trazer à tona questionamentos pertinentes de como se relacionarem de forma mais harmoniosa com o outro, respeitando as diferenças, o espaço do outro e, principalmente, o que cada um, a partir de suas histórias individuais, pode contribuir para a construção de um projeto solidário e cooperativo de vida.

Nessa perspectiva, o jogo cooperativo, segundo Brown (1995), encontra uma forte relação com as questões políticas das classes socialmente desfavorecidas. Para o autor, uma das tarefas do jogo é a de educar para não aceitar passivamente a injustiça. E os educadores têm que se preocupar com a transmissão de outros valores, da solidariedade e do senso crítico diante do egoísmo e da resignação.

Um dos momentos em que mais se sentiu a euforia dos adolescentes foi quando foram desenvolvidas as atividades físico-esportivas, representadas pelas modalidades de futebol de campo, voleibol e handebol. Estas atividades foram previamente escolhidas

¹⁴Nome fictício do adolescente de 14 anos pesquisado.

¹⁵Nome fictício do adolescente de 15 anos pesquisado.

¹⁶Nome fictício do adolescente de 16 anos pesquisado.

por eles e para a formação das equipes durante todos os jogos, sendo permitida a participação de outros adolescentes do bairro, que foram escolhidos aleatoriamente.

Durante a execução destas atividades, foi solicitado que os sete adolescentes permanecessem na mesma equipe. Inicialmente houve certa resistência, pois estes queriam formar seus próprios times, mas houve a insistência para que permanecessem na mesma equipe, para que fosse possível observar atentamente suas atitudes e, posteriormente, ficariam à vontade para formarem outros grupos.

Foi feita uma breve discussão sobre a formação das equipes nas atividades, traçando-se a função social do esporte, delineando-se paralelos entre esporte participativo, coletivo e a cooperação que deve existir no mesmo, ressaltando que não deveriam existir individualidades e sim a participação de todos nas jogadas.

A execução destas atividades esportivas durou algumas semanas e durante todo este período foram feitas discussões sobre o significado social do esporte na vida de cada um, colhendo-se sempre as impressões sobre cada atividade e traçando-se sempre a relação entre esporte e cidadania, bem como uma prática também responsável na formação crítica dos indivíduos.

A partir desse cenário traçado, surgiram muitas falas, as mais variadas possíveis e seguem abaixo as que mais chamaram atenção na perspectiva das relações interpessoais:

“Não dá pra jogar desse jeito com esse monte de perna de pau, ninguém sabe nem correr” (Murilo¹⁷)

“O Murilo só que ganhar, ele não passa a bola pra ninguém... ela acha que é o melhor” (Fabrício¹⁸)

“Gostei da atividade, mas acho que a gente podia ter feito a equipe que quisesse, seria bem melhor cada um por si” (Olavo¹⁹)

¹⁷ Nome fictício do aluno de 15 anos.

¹⁸ Nome fictício do aluno de 16 anos.

¹⁹ Nome fictício do aluno de 17 anos.

Após as falas eram sempre abertas novas discussões sobre o esporte e sua função social, tais como: que este deve estar voltado para práticas cooperativas; que os participantes vislumbrem uma perspectiva coletiva; e que a participação de todos é fundamental para que se reconheçam como parceiros e não adversários.

Explicitou-se sobre a competição cooperativa (FREIRE, 1989), esclarecendo-se aos adolescentes que ser competitivo fazia parte das relações humanas, e é um recurso para se estar no mundo. Foi esclarecido que a competição, como atividade do jogo, sempre existiu, mas faz-se necessário lançar um olhar crítico e reflexivo sobre a mesma, a fim de que esta não se torne sinônimo de usura, ganância e que não consolide a presença de perdedores e ganhadores.

Nessa perspectiva, Assis (2001) explica que o esporte pretende e pode desenvolver a capacidade judicativa, a emissão de juízo de valor que possibilite ao cidadão ler a realidade com sensibilidade, adotando uma prática consciente diante da vida, que privilegie valores tais como: o diálogo, o respeito mútuo, o coletivismo, a cooperação, a solidariedade, a sensibilidade e a autoestima corporal. Estes valores convergem para a formação de sujeitos críticos, reflexivos e solidários, engajados em um processo de transformação social.

Todas as atividades foram desenvolvidas obedecendo ao interesse coletivo e foram pautadas em discussões democráticas para que os adolescentes percebessem o papel social do lazer, como se dá sua dinâmica em nossa sociedade e que este pode ser responsável pela construção de uma nova forma de perceber o mundo na dimensão da emancipação humana.

Ao término dos três meses foi realizada uma reunião na qual foram explicitadas todas as percepções das atividades aplicadas, tanto as minhas quanto as dos

adolescentes. Foi realizada uma avaliação de todas as atividades desenvolvidas, realizando os seguintes questionamentos: a) qual o entendimento que passaram a ter sobre o lazer? b) houve alguma mudança significativa em suas vidas, no que diz respeito as suas relações sociais? c) surgiu uma nova perspectiva de vida e, sobretudo, qual a relação que estavam estabelecendo com a violência?

Estes questionamentos foram respondidos e discutidos e todas as impressões serão contempladas no tópico: “**Lá nos campos do senhor outra história é possível...**” no qual procura-se traçar considerações sobre os dados coletados e se houve ou não mudança na vida destes adolescentes, nas suas formas de pensar, de agir e de se relacionar com o mundo, com a certeza de que este estudo não se encerra com esta pesquisa.

V - As trilhas percorridas nos campos do senhor

Este estudo caracteriza-se como um estudo de caso que, segundo (GIL, 2002), representa uma estratégia de investigação que examina um fenômeno em seu estado natural, de forma ampla e detalhada, empregando múltiplos métodos de recolha e tratamento de dados sobre uma ou algumas entidades (pessoas, grupos ou organizações).

Neste trabalho científico foi utilizada a metodologia da pesquisa-ação, que tem como principio básico destinar a pesquisa científica para a intervenção social, objetivando a construção do conhecimento a partir da resolução de problemas, desempenhando um papel ativo na própria realidade dos sujeitos investigados (THIOLLENT, 1985).

A pesquisa-ação é uma estratégia metodológica da pesquisa social, baseada na relação de diálogo entre o saber científico e o saber popular na produção de um novo conhecimento. A população envolvida participa efetivamente em todo o processo de investigação científica, bem como, nos processos decisórios e de encaminhamentos da pesquisa, acompanhando todas as ações desenvolvidas.

Para Thiollent (1985), a pesquisa-ação consiste na solução de problemas coletivos, nos quais o pesquisador e os pesquisados representativos da situação estão envolvidos de modo cooperativo e participativo. O pesquisador deve sentir todo o universo afetivo, imaginário e cognitivo do outro para compreender as atitudes, os comportamentos, o sistema de idéias, de símbolos e mitos (BARBIER, 2002).

Para cumprir com estes princípios e com o rigor científico exigido, foram estabelecidas as seguintes etapas: 1) Conhecimento da realidade; 2) Análise e discussão do diagnóstico da realidade com integrantes da comunidade; 3) Planejamento coletivo das ações; 4) Intervenção na realidade; e 5) Avaliação.

Para a coleta de informações foram realizadas entrevistas semi-estruturadas (LAKATOS, 1999) que combinam perguntas abertas e fechadas, nas quais o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. O entrevistador deve ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o assunto que o interessa, fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista, caso o informante tenha “fugido” ao tema ou tenha dificuldades com ele. Esse tipo de entrevista é muito utilizada quando se deseja

delimitar o volume das informações, obtendo assim um direcionamento maior para o tema, intervindo, a fim de que os objetivos sejam alcançados.

Pretendeu-se neste estudo verificar se as atividades desenvolvidas em um programa de lazer para sete adolescentes, com faixa etária entre 14 e 17 anos, do bairro do Curuçambá, poderiam contribuir para a diminuição da violência e favorecer na reconstrução de suas histórias de vida, oportunizando o protagonismo juvenil.

A pesquisa-ação foi desenvolvida através do método espiral, ou seja, através da observação, ação e avaliação contínua das atividades ministradas. Na pesquisa-ação cada etapa de atividades seguiu o contexto de espiral, que abrange as seguintes dimensões: planejamento, ação, observação e reflexão (THIOLLENT, 1985).

No planejamento houve o estabelecimento do plano de ação, após o reconhecimento de toda a situação vivenciada pelos adolescentes, no qual se constituíram as atividades que foram propostas, a frequência e os dias da semana. Partindo do planejamento, houve a ação, que se deu com a implementação, execução e a variação das atividades de lazer.

A observação foi realizada durante a ação e foi documentada em um diário de campo, registrando-se todos os acontecimentos que serviram de base para a reflexão, não levando em consideração somente a comunicação oral, como afirma Matos (2001, p.14), mas também, a linguagem expressada através dos movimentos corporais, que revelam sentimentos, atitudes e comportamentos que nada mais são do que expressões da própria cultura.

Na reflexão foram analisadas, além das falas dos adolescentes, também os dados documentais extraídos da prática e do planejamento, utilizando as dimensões da análise da pesquisa-ação: o número de adolescentes que participaram do programa,

assiduidade nas atividades, as relações construídas pelos adolescentes dentro do programa, e como se relacionaram com o mundo a partir das atividades propostas.

Todas as atividades e suas variações foram decididas conjuntamente com os adolescentes durante as aulas, não seguindo assim, uma sequência obrigatória de aplicação, dependendo das discussões e das necessidades surgidas no decorrer das aulas, bem como a criação de outras atividades de lazer sugeridas pelos alunos ou pelo professor que vieram a contemplar o objetivo do programa.

VI - Lá nos campos do senhor outra história é possível...

O lazer é uma necessidade humana que precisa ser contemplada assim como as outras necessidades. É um instrumento de formação cultural, histórica e social e, por isso, necessita ser facilitado na sociedade, devendo ser exercido cotidianamente na vida das pessoas para que possa se tornar uma prática reveladora na formação cidadã de cada indivíduo.

Os adolescentes do bairro do Curuçambá têm uma interrelação muito grande com a violência. Isso decorre de toda a estrutura social que faz parte de suas realidades. No decorrer da pesquisa, constatou-se que muitos deles precisam ser ouvidos, cuidados e, sobretudo, entendidos como frutos de uma sociedade discriminadora e segregacionista, que não contempla as minorias em seus direitos básicos.

Nesse cenário, pensou-se o lazer como uma ação para a alegria, reveladora da reflexão, do questionamento e do desejo de mudança em uma ação coletiva e transformadora, mergulhada em vivências lúdicas, alicerçadas em atitudes libertadoras, no sentido de provocar novas experimentações na busca do fazer mais diferente e mais

inusitado, revelando a possibilidade da troca de experiências na transformação de si mesmo, do outro e do universo em que cada adolescente está inserido.

Ficou claro durante todo este estudo, que estes adolescentes querem e precisam mudar suas vidas. Constatou-se isto por todas as observações feitas durante a pesquisa, pois as falas, os gestos, o próprio silêncio denunciavam a todo instante que a mudança na vida de cada um era uma necessidade e não poderia mais tardar.

Ficou claro, também, que o poder público precisa criar políticas não só as de lazer, mas de saúde, educação, habitação, saneamento, entre outras, que sejam responsáveis pela construção de um novo cenário, principalmente nas regiões periféricas do nosso país, tão relegadas ao descaso e ao abandono, para que todos se reconheçam como seres produtores de cultura, para que homens, mulheres, jovens e crianças possam exercer de fato sua cidadania.

Não ficou estabelecida definitivamente uma mudança concreta na vida dos adolescentes, no que diz respeito ao afastamento da violência, mas, sobretudo, plantou-se em cada um deles a semente da inquietação, da percepção de que seus tempos livres podem ser usados de outras formas e que viver da e na violência pode ser um caminho sem volta.

O desejo de transformar suas vidas, de se tornarem protagonistas de suas histórias e de se reconhecerem e de serem reconhecidos pela sociedade como pessoas capazes de transformarem seus cotidianos dentro de um processo de reformulação humana, foi o maior legado deixado pelo lazer, representado aqui na essência do programa construído nesses três meses.

Propõe-se a partir deste estudo, a construção de um projeto de lazer para ser desenvolvido e implementado na comunidade do Curuçambá, para que se efetive, no

cotidiano de todos os moradores, uma política sócio-cultural de lazer, para que se oportunize o encontro com o prazer, com a festa, com o lúdico e com a brincadeira e que tenha o comprometimento de desarmar violências, cultivar vidas e transformar o social.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Sávio. **Reinventando o esporte**: possibilidades da prática pedagógica: refletindo sobre a escola capitalista. Campinas: Autores associados, 2001.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. 2. ed. Brasília: Plano Editora, 2002.

BROWN, G. **Jogos cooperativos**: teoria e prática. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1995.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 2. ed. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.

DUTRA, Valvim. M. **Renasce Brasil**: Segurança e prevenção da violência. São Paulo: Nova Ordem, 2002.

EISENSTEIN, Evelyn. Adolescência: definições, conceitos e critérios-revista adolescência e saúde. **Revista oficial do núcleo de estudos da saúde do adolescente**, v. 2, n. 2, 2005.

FREIRE, João Batista (Org.). A questão da competição. In: FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro**: teoria e prática da educação física. São Paulo: Scipione, 1989.

GALLAHUE, David; OZMUN, Jonh. C. **Compreendendo o desenvolvimento motor**: bebês crianças, adolescentes e adultos. 2. ed. São Paulo: Phorte, 2001.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

FILHO, Ari Lazarotti. Formação para a ação: a experiência do esporte e lazer da cidade no “Nortão” do Mato Grosso. In: CASTELANNI FILHO, Lino (Org.) **Gestão Pública e Política de Lazer**: a formação de agentes sociais. Campinas: Autores Associados, 2007.

MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.). **Lazer e esporte**: políticas públicas. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2001.

_____. **Pedagogia da animação**. 6. ed. Campinas: Papirus, 1989.

_____. **Estudos do lazer: uma introdução**. Campinas: Autores Associados, 1996.

MATOS, Lucília da Silva. **Entre a casa e a rua, a Escola Circo: Representações sobre o lazer e o trabalho**. Belém: UFPA, 2001. (Projeto de pesquisa).

_____. Belém, do direito ao lazer ao direito a cidade. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.). **Lazer e esporte: políticas publicas**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. É possível prevenir a violência? Reflexões a partir do campo da Saúde Pública. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 4, p. 7-32, 1999.

_____. A violência social sob a perspectiva da Saúde Pública. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 10, n.1, p. 07-18, 1994.

_____. (Org.). **Bibliografia comentada da produção científica brasileira sobre violência e saúde**. Rio de Janeiro: ENSP, 1999.

SEGALIN, Andréia; TRZCINSKI, Clarete. A face oculta do ato infracional na adolescência da responsabilização do adolescente à irresponsabilidade pública e social. In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 58., 2006, Florianópolis. **Anais ...Florianópolis: SBPC**, 2006.

SILVA, José Fernando Siqueira da. **O método em Marx e o estudo da violência estrutural**. 2. ed. São Paulo: Vozes. 2002.

STIGGER, Marco Paulo, **Esporte, lazer e estilos de vida: Um estudo etnográfico**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2002.

SOARES, Carmem Lúcia. **Corpo, conhecimento e educação: notas esparsas**. Campinas: Autores Associados. 2001.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1985.

Endereço dos Autores:

Patrícia Araújo dos Santos
George Antonio do Nascimento Souza
Passagem São Pedro nº 69 (Lomas Valentina e Angustura)
Bairro Marco – Belém – PA – Brasil
Cep: 66095720
Endereço Eletrônico: patriciadaraujo@hotmail.com